

Imagens e metáforas do mundo *(Images and Metaphors of the World)*

Cristiane Dias*

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir acerca do discurso da Sociedade da Informação e do Conhecimento – relacionada às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) – a partir do modo como ela é significada pelo efeito metafórico que observamos nas formulações “sociedade do conhecimento” e “sociedade da informação”. A partir da análise desse efeito metafórico, buscamos compreender como a sociedade contemporânea é determinada ideologicamente pelos sentidos da informação como conhecimento.

Palavras-Chave: conhecimento, tecnologia, informação, memória, sociedade

Abstract

The aim of this article is to reflect about Knowledge and Information Society Speech – connected with the New Information and Communication Technologies (NTICs) – from the way with its meant by metaphoric effect that we observed in this formulations “society of the Knowledge” and “society of the information”. Through the analysis of metaphoric effect we search to apprehend how the contemporary society is ideologically determinated by information as knowledge senses.

Keywords: knowledge, technology, information, memory, society

*Coordenadora Adjunta e pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos-Labeurb da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. Endereço para correspondência: Rua Caio Graco Prado, 70, Cidade Universitária ‘Zeferino Vaz’, CEP: 13081-970, Campinas-SP. E-mail: crisdias@unicamp.br

O que temos chamado de “Sociedade do Conhecimento”, a partir de meados do século XX, está diretamente relacionado à emergência das “Novas Tecnologias da Informação e Comunicação” (NTICs). Nesse sentido, a “Sociedade do Conhecimento” é a chamada era pós-industrial, baseada na produção da informação e no desenvolvimento tecnológico. Informação e conhecimento passam, desde então, a se con-fundir. O que permite derivas como: “Sociedade do Conhecimento”, “Sociedade da Informação”, ou, ainda, “Sociedade da Informação e do Conhecimento”.

Conhecimento e informação são determinantes de sociedade nesses enunciados, são qualificativos regendo sociedade. Eles não querem, no entanto, dizer a mesma coisa, pois produzem sentidos diferentes uma vez que acionam e se filiam a diferentes memórias discursivas. Porém, a filiação às novas tecnologias faz com que o funcionamento discursivo desses determinantes apague as diferenças constitutivas dos distintos modos de formular. Ou seja, se substituirmos o determinante informação por conhecimento, o sentido da formulação produzirá o mesmo efeito, pois eles passam a significar como se fossem sinônimos quando filiados às NTICs, a saber, na formação discursiva das novas tecnologias. Tomamos, assim, a formulação na sua evidência ideológica, apagando a materialidade da palavra, apagando a memória das redes de filiação de sentidos.

Nesse ínterim, a partir de uma compreensão da linguagem que é a da Análise de Discurso, que a considera como não transparente, diríamos, com as palavras de Pêcheux, que, “sob o mesmo da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1999: 53).

Conhecimento e informação, nessa abertura do jogo metafórico, produzem cada um dos termos, diferentes possibilidades de articulação discursiva, em condições e relações distintas com a memória, deslocando sentidos, produzindo o que chamamos “efeitos metafóricos”, transferências, derivas, deslizamentos de sentidos, fazendo, com isso, buracos na “memória metálica”. Essa que, nos termos de Orlandi, “não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, [que] só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias” (ORLANDI, 1998: 16).

Sob o efeito da ideologia, informação e conhecimento parecem se sobrepor no discurso das novas tecnologias. É, pois, no sentido de trabalhar a opacidade desse discurso, a materialidade da palavra, que pretendo mostrar nesse artigo, a diferença

constitutiva, para, então, mostrar o modo de repetição vertical de que nos fala Pêcheux, o esburacamento da memória.

Nessa perspectiva, procurarei compreender, num primeiro momento, de que modo informação e conhecimento se relacionam no discurso das novas tecnologias. Com isso, busco identificar as articulações discursivas do termo conhecimento para que ele passe a significar informação. Num segundo momento, procurarei compreender o modo como essas articulações, relações de sentidos, afetam a construção do conhecimento na relação com as novas tecnologias de linguagem, em outros termos, com as novas formas de produção da linguagem – e da escrita – a partir do avanço tecnológico, mais especificamente, com o surgimento da web 2.0.

Nesse sentido, minha pergunta analítica, levando em consideração essa ‘repetição vertical’ que produz o esburacamento da memória discursiva, a saber, da relação com o interdiscurso, é a seguinte: qual é a relação com o conhecimento que está posta aí? Que sentidos a informação produz ao conhecimento e, conseqüentemente, à sociedade? Será que o conhecimento foi reduzido a um “pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições?” (*ibid.*: 16). Poderíamos falar num a-menos do conhecimento em prol de um excesso de informação?

Situando esses questionamentos no contexto histórico contemporâneo, gostaria de começar destacando duas transformações fundamentais em nossa sociedade, apontadas por Michel Serres (1994), em seu livro *Atlas*: a primeira delas diz respeito à nossa maneira de habitar o espaço, o que nos leva a refletir sobre as antigas questões de lugar. Diz o autor: “onde falamos, você e eu, por onde passam nossas mensagens...?”

Voici déjà longtemps que nous téléphonons aux extrémités de la Terre; les images venues de là-bas ne nous surprennent plus; séparés de mille lieues, nous pouvons nous réunir pour une téléconférence, travailler ensemble, même. Nous nous déplaçons sans bouger d’un seul pas. Où a lieu cette conversation? A Paris, dans notre chambre? A Florence, d’où l’amie répond? Ou en quelque endroit intermédiaire? Non. En un site virtuel. Les anciennes questions de lieu: où parlons-nous, vous et moi, par où passent nos messages... semblent se fondre et se répandre, comme si un nouveau temps organisait un autre espace¹ (SERRES, 1994: 12).

¹ Tradução livre. “Há muito tempo já telefonamos para os confins da Terra; as imagens vindas de longe não nos surpreendem mais; separados por mil léguas, nós podemos nos reunir para uma teleconferência, e mesmo trabalhar juntos. Nós nos deslocamos sem dar um único passo. Onde ocorre essa conversação? Em Paris, no nosso quarto? Em Florença, de onde nosso amigo responde? Ou em algum lugar intermediário? Não. Num sítio virtual. As antigas questões de lugar: onde falamos, você e eu, por onde

Esse outro espaço organizado pelo tempo das tecnologias digitais diz respeito aos espaços de conhecimento, pois, uma vez que a informação chega muito mais rapidamente em muitos lugares do planeta, seja pelo telefone, pela videoconferência, pela troca de e-mails ou por um site web, nossa relação com o conhecimento muda, mudam o saber e as formas de aprender. Daí a segunda transformação apontada por Michel Serres: o saber e as formas de aprender.

Essas duas transformações estão estritamente relacionadas, já que se há uma mudança na maneira de habitar os lugares, na organização do espaço, há como consequência uma mudança nos chamados lugares de saber, nas instituições de saber, como escolas, bibliotecas, laboratórios, universidades etc. A aprendizagem não está mais condicionada a essas instituições e, tampouco, a produção do conhecimento. O especialista divide seu espaço institucional com os blogs na internet, onde a informação circula com muito mais velocidade e atinge um número muito maior de usuários do que se ela circulasse numa revista especializada, produzida por uma instituição de renome.

Se antes a construção do conhecimento estava concentrada nos laboratórios, universidades, escolas, hoje, com a velocidade das redes digitais, a construção desse conhecimento, pela facilidade de acesso à informação, cria outras redes institucionais.

Há algo de que não podemos esquecer: que o conhecimento não está dissociado da vida, “porque o ato de pesquisar [de conhecer] está intimamente ligado ao ato de viver” (SCHERER, 2002). Assim, o modo de vida hoje, nossa relação com a informação e com o modo como ela circula é a base da construção do conhecimento do mundo, assim como o relato dos navegadores e as informações contidas nesses relatos foram a base do conhecimento do mundo na época das grandes navegações.

A informação é a matéria-prima da construção do conhecimento, mas não é o conhecimento, portanto, não pode substituí-lo.

Desse modo, a compreensão do que se tem chamado “Sociedade do Conhecimento”, “Sociedade da Informação”, lembrando que conhecimento e informação aí qualificam e regem sociedade, passa pela compreensão dessas transformações do mundo e pela relação do sujeito com o cosmos, pois é essa relação que dá forma ao conjunto de conhecimentos. É a nossa relação com o mundo que permite que o conhecimento seja formulado de um modo e não de outro, já que a

passam nossas mensagens... parecem se fundir e se expandir, como se um novo tempo organizasse um outro espaço”.

relação com o saber está estritamente relacionada à renovação do laço sócio-histórico-ideológico.

Nesse sentido, remontemos ao século XVI, quando o mundo passava por mudanças tão significativas em termos de conhecimento científico, com o capitalismo mercantil, o processo de urbanização, a expansão territorial, quanto as que estamos vivenciando hoje. Qual era a forma do conhecimento no século XVI? Ele tinha a forma geométrica do círculo, nos ensina Serres². Se analisarmos etimologicamente o termo ‘enciclopédia’, escrita por Diderot, D’Alembert e colaboradores, marco do conhecimento no século XVI, saberemos que o termo cunhado por Rabelais vem do termo grego, *eu-kuklios paidéia*, a saber, “círculo (kuklios) perfeito (eu) do conhecimento ou da educação (paideia)”³. Sendo assim, podemos compreender que Rabelais deu ao conjunto de conhecimentos a forma do círculo (a esfera do mundo?).

Assim, também, o mapa da astrologia, de Copérnico, o mapa da Terra, de Mercator, o mapa do corpo (anatomia humana), de André Vésale, constituem formas do conjunto de conhecimentos de um século que vivenciava um novo universo, um novo planeta terra, um novo corpo humano.

Nossas questões de hoje não são tão diferentes das questões do século XVI. Com as novas tecnologias da informação, temos uma outra concepção de corpo humano, dos planetas e do nosso planeta, uma outra imagem do universo. A diferença aí não está nas nossas questões, está na forma do conhecimento, que, de círculo, passa a rede.

Se pensarmos na figura do círculo, podemos pressupor que o conhecimento é delineável, demarcável, fronteiro, de modo que poderíamos dispô-lo e localizá-lo num mapa, como o fez o século XVI. Michel Serres⁴ diz, no entanto, que não se pode cartografar o conhecimento tal como se cartografa a terra, porque os saberes não são continentes, dos quais se podem demarcar fronteiras, limites, o saber é flutuante, contínuo.

Essa afirmação é importante, na medida em que o conhecimento nunca é o mesmo, ele não pode ser enquadrado, porque é fluido, escoado. Poderíamos considerar, remetendo à reflexão da Análise de Discurso, que, apesar disso, ele tem uma forma material, ou seja, ele é um processo de significação e, sendo processo, não pode ser estancado.

² Symposium Diderot : cartographier la connaissance, de 14-17 avril 2003. Langres, France.

³ <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enc/cap1p1/palavra.htm>. Acessado em 11/05/2009.

⁴ Symposium Diderot : cartographier la connaissance, de 14-17 avril 2003. Langres, France.

A informação, no entanto, pode ser cartografada, pois ela mantém sua mesmidade. Daí uma primeira pista para compreendermos que “Sociedade da Informação” e “Sociedade do Conhecimento” não têm o mesmo sentido, embora se articulem discursivamente no jogo metafórico da substituição contextual, conforme nos ensina Pêcheux. Na relação com as novas tecnologias, o sentido de um é constitutivo do sentido do outro, mas não é o mesmo sentido.

Ainda na relação com a análise que nos permite os conceitos teóricos da Análise de Discurso, poderíamos dizer que, se o conhecimento tem a forma material, a informação tem a forma empírica, a qual, segundo Orlandi⁵, já corresponde a uma realidade, já é resultado de um processo – do conhecimento.

Ainda remontando ao século XVI, se a expansão espacial marcou as mudanças no mundo da Renascença, hoje, é a velocidade, ou seja, nossa relação com o tempo que marca mudanças no mundo das novas tecnologias digitais.

Se houve mudanças significativas na economia e na política a partir do capitalismo mercantil, com as novas imagens do mundo e o próprio significado do conhecimento científico, com “novos mapas, nova geometria, nova música, nova cronologia: novas linguagens para entender e consolidar um mundo que, para os homens da época, vai se transformando paulatinamente” (SANTOS, 2002), hoje, com as novas tecnologias, a imagem do mundo e do conhecimento acerca dele produzido, assim como sua economia (mundial) e sua política (global), também produzem novas linguagens, que demandam que aprendamos a interpretar a velocidade do tempo digital.

Essas grandes modificações produzem um rompimento em relação a um já estabelecido, na medida em que a produção de novos instrumentos, de novas técnicas, relaciona-se com a concepção de novos saberes da linguagem do mundo. Daí as novas tecnologias de linguagem.

A proliferação da internet e a velocidade da informação produzem uma linguagem da tecnologia, com a qual lidamos no nosso cotidiano. É essa linguagem que é preciso compreender em seu modo de funcionamento.

Diante disso, como poderíamos nós olhar o mundo hoje, mediante as mudanças que se nos apresentam? E como poderíamos dar sentido ao conhecimento que temos

⁵ Vídeo realizado durante a reunião de trabalho do Grupo DICIT, em 5 de dezembro de 2007, no Labeurb. Disponível em www.labeurb.unicamp.br. Acessado em 11/05/2009.

sobre esse mundo? Diderot e D’Alembert deram ao conhecimento o sentido da *encyclopédie*, o de um círculo perfeito. A figura do círculo representava para o homem do Renascimento a possibilidade de completude de todos os conhecimentos. Não era diferente para Mercator, considerado o pai da cartografia, que projetou em seu mapa mundi continentes e mares sobre um cilindro que envolvia o globo.

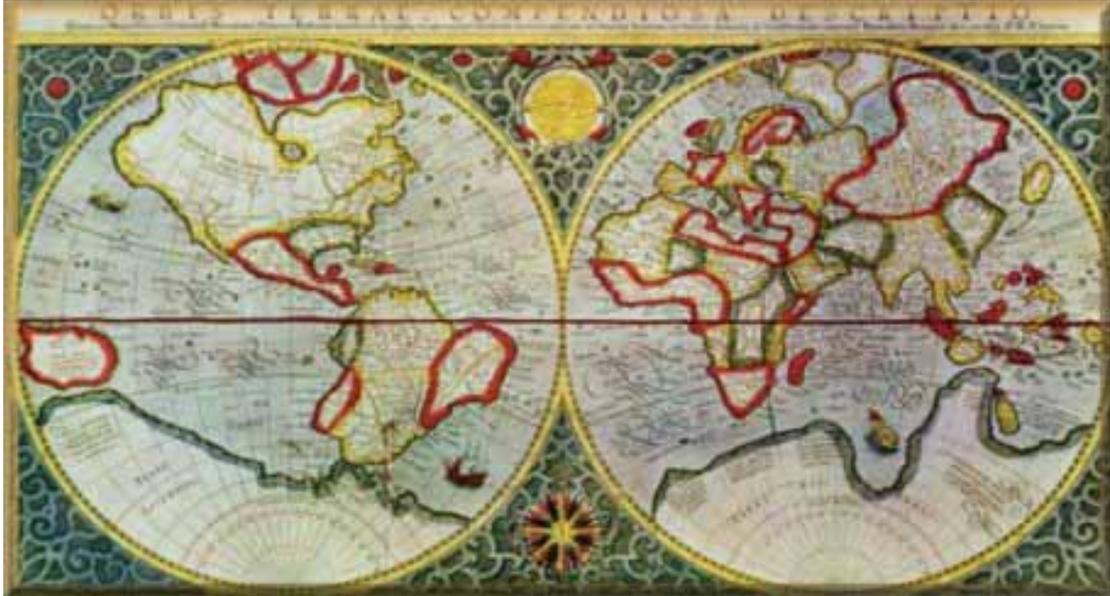


Figura 1

Fonte: <http://br.geocities.com/discursus/archistx/mapamace.html>

Como vemos, o cilindro, que tem o círculo em sua composição geométrica, é uma metáfora importante na representação do conhecimento como passível de exaustão, de totalidade, de completude, do século XVI. Podemos citar ainda o *Tableaux accomplis de tous les arts libéraux*, de Christophe de Savigny, no qual todas as artes e ciências são representas sob a forma de um círculo oval⁶:

⁶ Remeto aqui à leitura da dissertação de Larissa Scotta (2008), a partir da qual tomei conhecimento do *Tableaux* de Savigny. Esse trabalho é uma referência para compreendermos a (mudança da) forma do conhecimento a partir do uso de diferentes tecnologias.

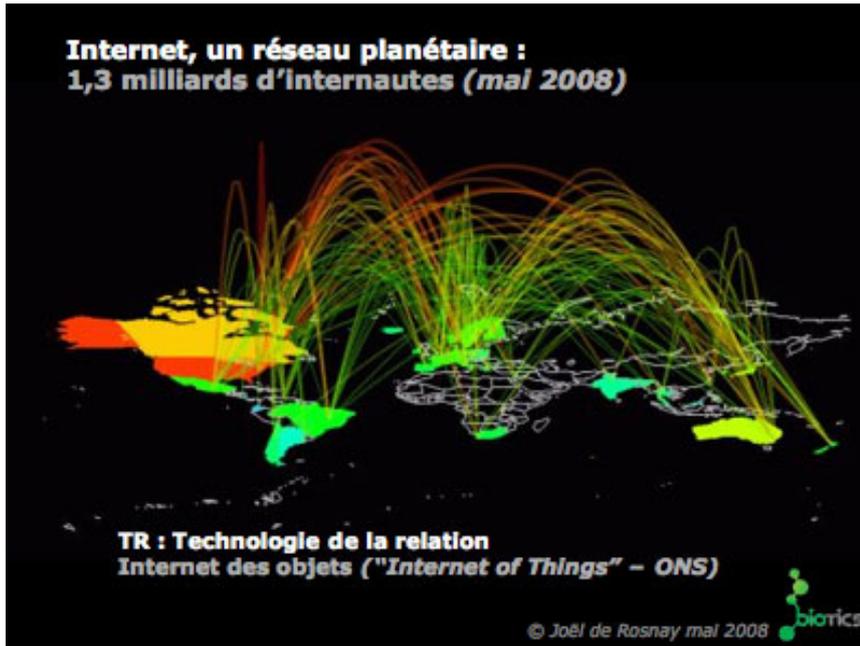


Figura 3

Fonte: http://www.cite-sciences.fr/francais/ala_cite/college/v2/html/2007_2008/cycles/cycle_273.htm.

Também como uma rede de relações, pessoais, comerciais, musicais, sociais, comunicacionais, informativas, conforme representa o “Map of Online Communities”.

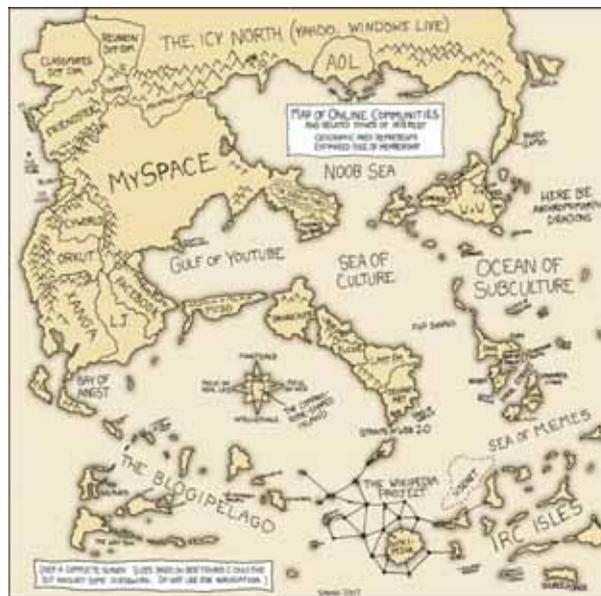


Figura 4

Fonte: <http://strangemaps.wordpress.com/2007/05/25/118-online-communities-map-not-for-navigation/>

Um mapa do território das relações ou da tecnologia da relação (TR), conforme entende Joël de Rosnay⁷, já anunciando um deslizamento de sentido de tecnologia da informação e comunicação (TIC).

O mapa anterior mostra que a representação do mundo não passa apenas pelo território, mas pelas redes de relações desterritorializadas que se configuram no espaço virtual e que são tecidas nas comunidades e redes sociais da internet.

O mapa mundi não tem mais a imagem cilíndrica e totalizante do mundo, mas uma imagem em tempo real. Uma imagem 3D da nossa casa e da nossa galáxia, dos oceanos. Não mais uma imagem estática, mas uma imagem que nos permite recuar e avançar no tempo do espaço virtual.

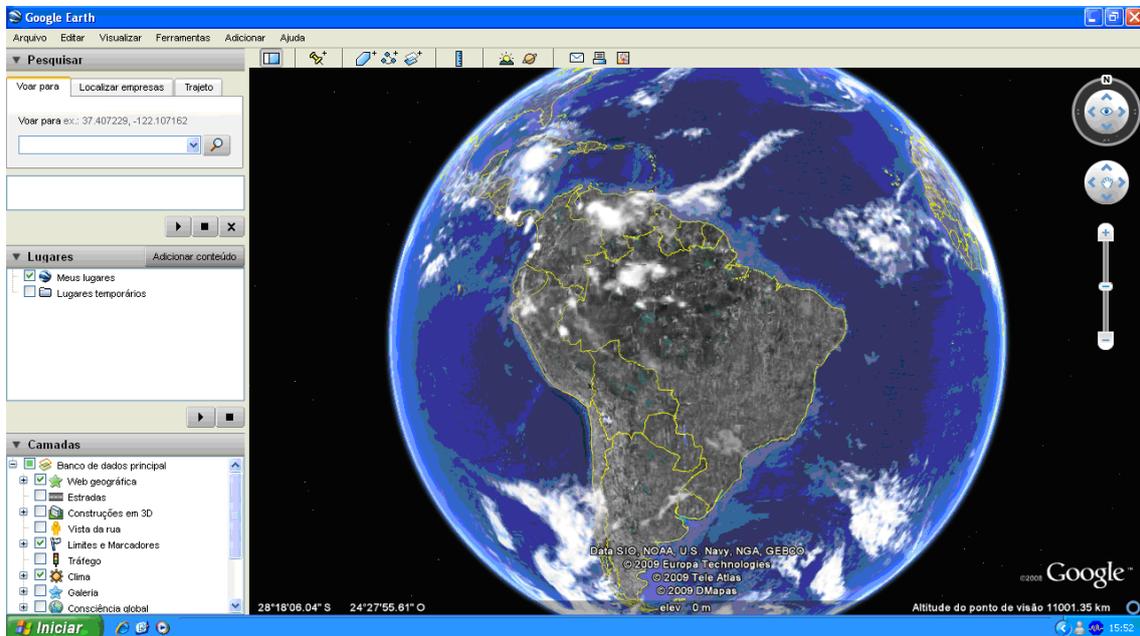


Figura 5
Imagem do Google Earth

Nossos itinerários são traçados e vistos antes mesmo que os tenhamos feito. E não o contrário. O tempo avança a própria espacialidade de sua realização.

⁷ Les conférences de la cité. Cicle 2007-2008. Cicle En 2030, vivrons-nous en réseau? Conferência : La civilisation du numérique: contrôle et responsabilisation. 2008 . In : http://www.cite-sciences.fr/francais/ala_cite/college/v2/html/2007_2008/cycles/cycle_273.htm.

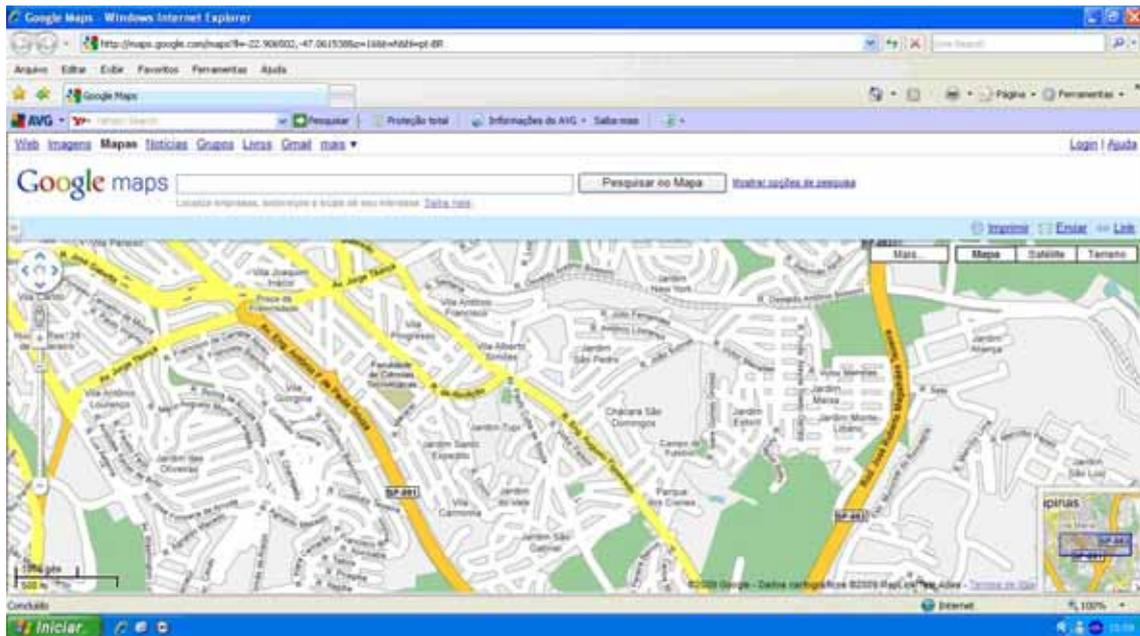


Figura 6
<http://maps.google.com/>

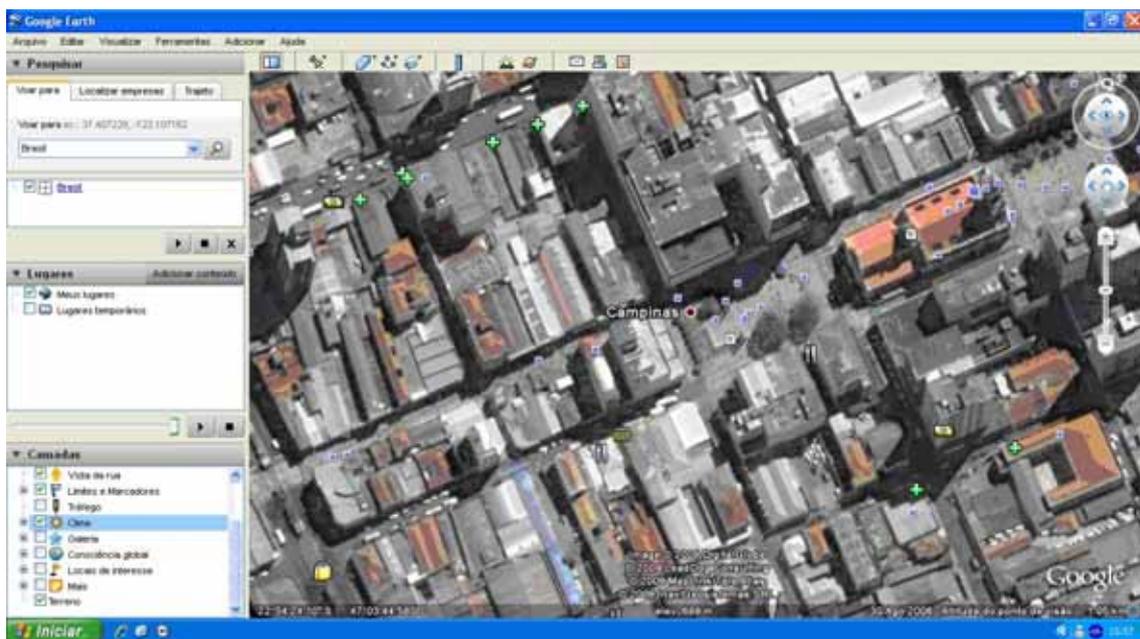


Figura 7
 imagem do Google Earth

As imagens mostram diferentes sentidos do mundo, o mundo da renascença, o mundo do digital. O da cartografia e o da velocidade dos bytes de informação. O círculo se abre, as linhas se cruzam e se expandem numa velocidade que denominamos Kb, Mb, Gb. Se numerizam os territórios e as relações pessoais, sociais e comerciais.

Essa mudança pode ser percebida não somente na cartografia, nas novas técnicas, mas também na própria materialidade das palavras. Poderíamos citar muitas, mas seguindo nosso recuo à Renascença e à metáfora do círculo a que nos permite chegar a etimologia da palavra enciclopédia, vejamos a deriva desta palavra para a palavra wikipédia:

em ciclo *pédia*
↓
wiki *pédia*

Como podemos ver, temos aí a manutenção do sentido da educação ou do conhecimento – *paidéia* – e a substituição da idéia do ‘círculo perfeito’ pelo termo *wiki*, software colaborativo que permite a edição coletiva, em rede, dos documentos, usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação e que pode ser editado por qualquer pessoa que tenha acesso a ele. O conhecimento totalizante deriva para informação na velocidade das redes.

Temos, portanto, pela materialidade da palavra, pelo deslizamento de sentido, acesso ao processo de produção do conhecimento, que passa não pelo “círculo perfeito”, mas pelo *wiki*, o software aberto e colaborativo. Como diz Barbara Cassin (2008), a enciclopédia que qualquer um pode modificar, a enciclopédia feita por todos. Esta autora coloca ainda que o termo *wiki wiki* significa “rápido” em havaiano. Isso remete à velocidade, ao tempo, marca da nossa relação com o conhecimento, hoje. Se antes o conhecimento era marcado pelo ciclo (círculo), hoje é marcado pelo *wiki* (velocidade). Essa rapidez – *wiki* – que coloca o tempo em evidência na relação com o espaço. Essa rapidez que configura o espaço (de conhecimento). Daí wikipédia.

Teríamos, então, a seguinte imagem do conhecimento (do mundo), aberto e em construção:



O que importa aqui é que todas essas metáforas do mundo, seja a da terra, do céu, do corpo ou do mar, seja ainda a do círculo, ou a da rede, fazem referência à noção de espaço. Os conhecimentos estão num espaço. Um espaço de significação, cuja materialidade produz sentido. Nessa perspectiva, pensar a relação do conhecimento com as novas tecnologias da linguagem é pensar sobre a noção de espaço, mas não o espaço geométrico das cartografias ou das esferas que circunscrevem o conhecimento disciplinar, mas o espaço político-simbólico, em que, da perspectiva discursiva, “a história e a língua se articulam produzindo sentidos” (ORLANDI, 2001: 185).

É nesse sentido que me interessa olhar para os novos mapas mundi, na medida em que eles articulam língua e história. Eles constituem um espaço político-simbólico em que a velocidade, a virtualidade, a desterritorialização das relações (sociais e de poder) e da circulação (da informação e dos sujeitos), configuram uma outra forma de conhecimento, que não deve se confundir com informação, mas que também não deve se apartar dela.

A configuração do ciberespaço, pensando ciberespaço – não o ciberespaço como um espaço específico da internet, mas como um funcionamento ideológico de uma sociedade da informação – como um espaço político-simbólico de construção do conhecimento, nos permite pensar no político da linguagem da tecnologia, ou seja, no fato de que o sentido sempre pode ser outro. É aí que se pode romper o laço intrincado entre ciência-tecnologia e administração, relação esta que, para Orlandi, comanda “nossas relações com os sentidos” (*ibid.*, 2001: 183).

Se o ciberespaço permite a desterritorialização das instituições, da cartografia da terra, dos lugares de produção do conhecimento, de modo que o tempo entre sua produção e a circulação da informação dessa produção seja quase que coincidente, o que permite o recobrimento entre informação e conhecimento, é na compreensão dessa linguagem que podemos reorganizar o trabalho intelectual, conforme nos alerta Orlandi (2003) e “inaugurar novas relações entre a ciência e a administração”.

O que tenho compreendido até aqui é que essas novas relações entre ciência e administração podem se inaugurar na medida em que o tempo da produção do conhecimento não se deixar administrar pela velocidade da informação. É preciso deixar transbordar os sentidos outros, restabelecer os pré-construídos, ter a memória como estruturante da materialidade discursiva da formulação do conhecimento, fazendo aparecer “o espaço móvel de deslocamentos e de retomadas... um espaço de

desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999), antes que o conhecimento vire informação.

Por essa razão, concluo que é essa evidência do tempo em relação ao espaço que é preciso saber compreender nessa mudança histórica produzida pelas novas tecnologias digitais, pois na medida em que soubermos interpretar o nosso tempo, saberemos circular pelo espaço “móvel de deslocamentos e de retomadas”, sem que se apague o tempo de reflexão que é o espaço do conhecimento.

Assim, finalizo este debate no esforço de fazer irromper “a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura” (PÊCHEUX, 1999: 55).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIN, B. *Googlêame: La segunda misión de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, Biblioteca Nacional, 2008.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2001, p. 185-202

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

SCOTTA, L. *Da enciclopédia enquanto um círculo que se fecha à wikipédia enquanto uma rede que se abre: um gesto interpretativo*. Dissertação de Mestrado. PPGL/Letras. Santa Maria-RS; 2008.

SCHERER, A.. As inquietudes discursivas de um orientador. In: BRUM DE PAULA, M. *et al.* (orgs.). *Corpus: análise de dados e cultura acadêmica*. Revista Letras, n. 21, PPGL/UFSM, 2002.

Para citar essa obra:

DIAS, Cristiane. Imagens e metáforas do mundo. RUA [online]. 2009, no. 15. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEORB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>